



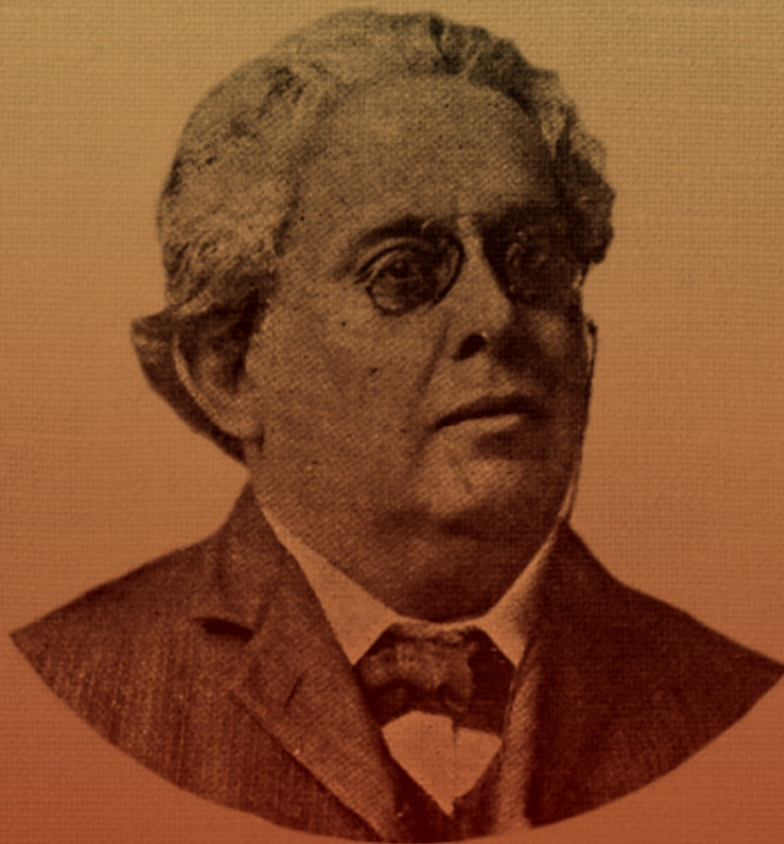
# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Artur Azevedo

*O Dote*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*O Dote*

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1907.

Livro Digital nº 516 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo**  
**(1855 - 1908)**



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# O DOTE



A JÚLIA LOPES DE ALMEIDA:  
*Autora da cintilante crônica “Reflexões de um marido”,  
cuja leitura me inspirou esta comédia*

O.D.C.

Artur Azevedo

## PERSONAGENS:

HENRIQUETA

ISABEL

ÂNGELO

RODRIGO

LUDGERO

PAI JOÃO

LISBOA

ESPOSENDE

*Rio de Janeiro. Atualidade.*

## ATO I

*Gabinete de trabalho de Ângelo, estantes com livros, secretária atapetada de papéis, porta ao fundo, porta à direita, é dia.*

## CENA I

*Ângelo, depois Pai João.*

*(Ângelo trabalha sentado à secretária. Depois de alguns momentos, Pai João, preto-mina nonagenário, entra pelo fundo)*

PAI JOÃO

*Sió moço doutlô!*

ÂNGELO (*sem levantar os olhos do trabalho*)  
Que é, Pai João?

PAI JOÃO  
*Tá aí zoalelo da rua d'Ouvidlô..*

ÂNGELO  
O joalheiro? Eram favas contadas! Manda-o entrar.

PAI JOÃO (*indo ao fundo e falando para fora*)  
*Faze favló. (Entra Esposende, Pai João sai)*

## CENA II

*Ângelo, Esposende.*

ESPOSENDE  
Senhor doutor...

ÂNGELO  
Boa tarde, senhor Esposende. Queira sentar-se. (*Indica-lhe uma cadeira, perto da secretária*)

ESPOSENDE  
Estou bem, doutor.

ÂNGELO  
Obriga-me a levantar-me. Sente-se. Aí tem cadeira.

ESPOSENDE  
Obrigado. (*Senta-se*)

ÂNGELO  
Já sei o que o traz. Minha mulher esteve no seu estabelecimento, escolheu uma joia, e mandou a conta para que eu a pagasse.

ESPOSENDE

Como das outras vezes. O doutor desculpará tanta prontidão na cobrança, mas foi sua senhora mesmo quem insistiu para que eu viesse já, que o encontraria em casa. Aqui está um bilhete dela.  
(*Dá um papel a Ângelo*)

ÂNGELO (*lendo*)

“Ângelo. — Paga esse anel — Tua, Henriqueta”. É uma ordem à vista.

ESPOSENDE

E não pode ser mais lacônica.

ÂNGELO

E o anel?

ESPOSENDE

Está com ela. O que trago é a nota com o recibo.

ÂNGELO

Dê cá. (*Lendo a conta e erguendo-se de um salto*) Três contos de reis!...

ESPOSENDE

Ah! meu senhor, é um diamantinho da mais pura água! Era a joia das minhas joias!

ÂNGELO

Não duvido, mas... três contos!...

ESPOSENDE

Três contos, que continuarão a ser dinheiro em caixa. Em joias ninguém se arruina. Quando são boas, não perdem o valor. Quer saber? anteontem vi exposta na Hortulânia uma parasita com o preço marcado: seiscentos mil réis. Ontem já lá não estava. Perguntei se a tinham vendido. Dez que fossem! Imagine agora que sua senhora, em vez de gostar de joias, gostava de parasitas...

ÂNGELO (*que durante a fala de Esposende foi a um móvel buscar um caderno de cheques do Banco, e se sentou de novo à secretária*)

Isso é verdade.

ESPOSENDE

“Ângelo. Paga essa parasita. Tua, Henriqueta”. Era um pouco mais caro. (*Vendo que Ângelo se dispõe a encher um cheque*) É um cheque? Escreva apenas dois contos oitocentos e cinquenta mil reis.

ÂNGELO

Pois não são três contos?

ESPOSENDE

São; mas adotei agora o sistema de dar aos maridos, particularmente, cinco por cento sobre todas as compras feitas pelas senhoras.

ÂNGELO

Quanta generosidade!

ESPOSENDE

Generosidade, não: filosofia. Também eu já fui casado; sei o valor que as senhoras dão ao dinheiro, e a facilidade com que o gastam.

ÂNGELO

Pagou também muita joia?

ESPOSENDE

Paguei sim, senhor; e foi por isso que me fiz joalheiro. Este abatimento é...

ÂNGELO

Uma espécie de ficha de consolação.

ESPOSENDE

Isso!



ÂNGELO (*erguendo-se e entregando o cheque*)  
Obrigado pela comissão do marido.

ESPOSENDE  
Não há de quê. (*Estendendo-lhe a mão*) Dá-me licença?

ÂNGELO  
Passar bem, senhor Esposende.

ESPOSENDE  
Sempre às suas ordens. Lá estamos. (*Sai*)

### CENA III

*Ângelo, Pai João, depois Rodrigo.*

*(Cena muda em que Ângelo indica o desgosto que lhe causou aquela despesa inútil. Contempla o caderno de cheques, abanando a cabeça, e depois vai guardá-lo no móvel de onde o tirou. Senta-se à secretária, e dispõe-se a trabalhar, mas vê a conta deixada pelo joalheiro, e examina-a de novo; depois atira-a sobre a secretária, e fica pensativo, apoiando a cabeça na mão. Entra Pai João muito contente)*

PAI JOÃO  
*Siô moço doutlô! (Ângelo não ouve) Siô moço doutlô!*

ÂNGELO (*como que despertando*)  
Hein?

PAI JOÃO  
*Tava dlomindo?*

ÂNGELO  
Não; estava pensando.

PAI JOÃO  
*Divina quem tá aí!*

ÂNGELO  
Quem é?

PAI JOÃO  
*Síô doutlô Lodligo!*

ÂNGELO (*erguendo-se de um salto*)  
Rodrigo!...

PAI JOÃO (*falando para fora*)  
*Entla, síô doutlô!*

*(Entra Rodrigo. Vestuário claro de viagem)*

RODRIGO  
Onde está o grande homem? (*Vendo Ângelo*) Ah!

*(Atiram-se nos braços um do outro com efusão)*

ÂNGELO  
Eu só contava contigo daqui a um mês.

RODRIGO  
Antecipei a minha viagem por causa do frio. Vi cair tanta neve, que tive a nostalgia do sol! Não te mandei dizer nada, para causar-te uma surpresa.

ÂNGELO  
Fizeste mal. Eu e minha mulher teríamos prazer em ir buscar-te a bordo.

RODRIGO  
Com uma banda de música? Ela, como vai?

ÂNGELO  
Minha mulher? Perfeitamente!

RODRIGO

E o bebê? Vem por aí?

ÂNGELO

Nem sinal!

RODRIGO

Isso é que é mau.

ÂNGELO

Mas como estás bem disposto! Remoçaste, sabes?

RODRIGO

Ah! meu amigo, não há como viajar! — E tu? Tens gozado sempre saúde?

ÂNGELO

Graças a Deus.

RODRIGO (*batendo afetuosamente no ombro de Pai João*)

E o nosso Pai João, a relíquia de família?... Sempre forte, hein?

PAI JOÃO

*Flote, non, síô doutlô... mase vai se vivendo.*

ÂNGELO

Não há mal que lhe entre!

RODRIGO

Que idade tem vossemecê, Pai João?

PAI JOÃO

*Non sabe, non siô... mase Pai Zoão é munto velo... munto velo...*

RODRIGO

Vossemecê viu enforcar Tiradentes?

ÂNGELO

Não; mas se fazes questão de um fato histórico, fica sabendo que aí onde o vês assistiu à partida de Pedro I depois do Sete de Abril.

RODRIGO

Deveras?

PAI JOÃO

*Si siô... na praia de Santa Luzia... Pai Zoão ela moleque assim... (Indica o tamanho) Quando navio passou, praia tava assim de zente... flutaleza dava tiro... povo turo çolava, pluque tinha pena do impeladlô... Eh! eh! Pai Zoão tá munto velo... tá munto velo... (Sai)*

#### CENA IV

*Ângelo, Rodrigo.*

RODRIGO

Ora, Pedro I partiu...

ÂNGELO

Em 1831.

RODRIGO

Pai João deve ter noventa anos.

ÂNGELO

Pelo menos.

RODRIGO

Isto é que é viver!

ÂNGELO

O amor não envelhece. Ele em toda a sua vida não tem feito outra coisa senão amar. Chegou àquela idade e não admite que o senhor moço doutor tenha outro criado senão ele. Se eu o aposentasse, matá-lo-ia.

RODRIGO

Coitado! é teu amigo... viu-te nascer...

ÂNGELO

Viu nascer minha mãe. (*Outro tom*) Mas tratemos de ti... Apreciaste muita coisa boa por esse velho mundo, hein?

RODRIGO

Sim, apreciei muita coisa boa durante estes dois anos, mas passei a maior parte do tempo nas escolas e nos hospitais... A medicina continua a ser a minha paixão dominante e o meu desespero.

ÂNGELO

Ora o teu desespero por quê?

RODRIGO

Porque seria preciso viver tanto como Pai João e ser um gênio para saber tudo! — Mas onde está tua mulher? Estou morto por vê-la!

ÂNGELO

Saiu. O pai e a mãe vieram buscá-la e andam a saracotear na rua do Ouvidor e na Avenida.

RODRIGO

És feliz?

ÂNGELO

Adoro minha mulher.

RODRIGO

Não é isso que pergunto. Pergunto se és feliz.

ÂNGELO

Naturalmente... Pois se a adoro! Não poderia adorá-la se não fosse feliz... nem poderia ser feliz se não a adorasse...

RODRIGO

Essa resposta é de quem não é feliz.

ÂNGELO

Já vejo que voltaste o mesmo homem.

RODRIGO

Tu conheces as minhas ideias a respeito do casamento. Marido e mulher só podem ser absolutamente felizes, quando se identificam um com o outro a ponto de se confundirem numa só individualidade. O casamento só é venturoso quando a mulher possa repetir ao marido e o marido à mulher o famoso verso do padre Caldas: “Eu e tu somos só eu.”

ÂNGELO

Isso é muito raro.

RODRIGO

Tão raro como os casamentos felizes. Olha, se eu estivesse presente, não te casarias com tanta facilidade. Mas tu aproveitaste a minha viagem... fizeste como as crianças travessas quando pilham os pais descuidados. Torço as orelhas por não te haver levado comigo!

ÂNGELO

Quem te ouvisse falar, não sei o que poderia supor.

RODRIGO

Nalgumas das cartas que me escreveste, pareceu-me entrever uns começos de arrependimento...

ÂNGELO

Oh!

RODRIGO

Desculpa-me esta franqueza brutal, mas eu sou teu amigo desde que eras pequeno, e tua mãe — tua santa mãe — considerava-me teu irmão mais velho. *(Pausa)* Tu não és feliz, Tua mulher tem defeitos.

ÂNGELO

Não, não tem defeitos... tem um defeito, um defeito só um defeito de educação... aliás corrigível.

RODRIGO

Mas que não tens podido corrigir.

ÂNGELO

Porque sou fraco... Nas tuas mãos ela seria uma mulher perfeita.

RODRIGO

Já sei... a menina é ciumenta...

ÂNGELO

Não... isto e... não é mais nem menos ciumenta que em geral as moças brasileiras... Ciúmes tolos... fantasias...

RODRIGO

Vamos lá! tu... em solteiro...

ÂNGELO

Em solteiro; depois de casado... Homem, já te disse que adoro minha mulher!

RODRIGO

Mas vamos! qual é seu defeito?

ÂNGELO

É perdulária!... deita o dinheiro aos punhados pela janela fora!...

RODRIGO

Bonito!

ÂNGELO

Quando a vi pela primeira vez, numa corrida no Derby...

RODRIGO

Escusas de contar-me a história dos teus amores: estou farto de sabê-la pelas tuas cartas. É, *mutatis mutandis*, a história de todos os casamentos. Dois olhares, dois sorrisos, duas cartas, dois beijos, e acabou-se. — Quem é aquela mulher? Não sei, não quero saber; só sei que é bonita, que a amo, e que não poderei possuí-la sem a levar ao pretor e ao padre. Mas sabes tu ao menos que família é a sua? que educação recebeu? qual foi seu passado de virgem? — Oh! oh! as virgens só têm passado quando deixam de o ser! — Vamos, diz-me: que espécie de gente são os teus sogros?

ÂNGELO

O pai é meu colega.

RODRIGO

Teu colega?

ÂNGELO

É como toda a gente, um bacharel formado.

RODRIGO

Cita o autor.

ÂNGELO

Guerra Junqueiro.

RODRIGO

Adiante. Ele advoga?

ÂNGELO

Não. Vive de alguns vinténs que herdou do pai. Tem uma fazenda no Estado do Rio. É de uma ignorância, ou antes, de uma parvoíce fenomenal. Quer que o suponham rico, e aparenta grandezas que não tem nem pode ter. — A mãe é uma senhora inteligente e sensata, mas a sua inteligência e o seu bom senso capitulam invariavelmente diante das opiniões do marido, Por isso vivem como Deus e os anjos.



RODRIGO

Eu e tu somos só eu; ele é tolo, ela é pusilânime: são felizes.

ÂNGELO

Henriqueta é filha única. Foi educada como filha de milionários. Viu desde pequenina satisfeitos os seus caprichos ainda os mais extravagantes, e habituou-se a isso. Trouxe de dote cinquenta contos que, reunidos ao que me restava da herança de minha mãe, e às minhas economias, perfizeram mais de duzentos contos. Quase metade desse capital foi todo absorvido pela compra desta casa, mobília, alfaias, objetos de arte, etc., tudo exigências dela. Da outra metade, já pouco, muito pouco me resta. Um verão em Petrópolis, uma assinatura no Lírico, um cupê, uma caleça, duas parelhas de cavalos, muitas joias, alguns jantares, bailes, toaletes, etc... Parece que não é nada... tem sido um sorvedouro de dinheiro.

RODRIGO

O diabo foi ela trazer-te os tais cinquenta contos.

ÂNGELO

Foi o diabo, foi! Todas as vezes que tento reagir contra os seus desperdícios, ela atira-me à cara o seu dote! Ora, o seu dote! Onde vai seu dote! E não é só ela: é também o pai! É o dote de Henriqueta pra cá, o dote de Henriqueta pra lá! De modo, meu amigo, que estou completamente atado pelo diabo desse dote! — Minha mulher não sai à rua que não gaste muito dinheiro! Compra joias... joias inúteis... Olha... ainda hoje... (*Mostrando-lhe a conta que ficou sobre a secretária*) Um anel de três contos de réis!... E talvez não fique nisto!...

(*Entra Pai João, trazendo uma caixa de chapéu e uma conta*)

## CENA V

*O mesmos, Pai João.*

PAI JOÃO

*Tá qui sinhá Henliqueta mandou, pia sió moço doutlô pagá.*

ÂNGELO

Que digo eu? (*Vendo a conta*) Um chapéu modelo, cento e cinquenta mil réis. Justamente a comissão do marido.

RODRIGO

Que comissão?

ÂNGELO

É cá uma coisa! (*A Pai João*) Deixa ficar a caixa aí sobre a a secretária, e toma... (*Dando-lhe dinheiro*) Dá estes cento e cinquenta mil réis ao portador.

JOÃO

*Si, siô. (Sai)*

## CENA VI

*Ângelo, Rodrigo.*

ÂNGELO

Com este é, talvez, o décimo chapéu que ela compra este ano.

RODRIGO

Tem graça. Eu trouxe-lhe também um, de Paris. Tenho nas malas muitos presentes para ti e tua mulher.

ÂNGELO

E nada me dizes sobre o que acabo de expor?

RODRIGO

Digo-te, sim... lá chegaremos... tenho muito, muito que te dizer. Antes de mais nada, deixe que eu admire não tenhas exposto a tua mulher a situação com tanta sinceridade e clareza como acabas de o fazer a um amigo.

ÂNGELO

Ela está persuadida de que somos ricos. A verdade causar-lhe-ia um desgosto profundo, e não quero desgostá-la, porque, como já te disse, adoro-a... Adoro-a, e fica sabendo, Rodrigo, à parte esse defeito de ser gastadora, não lhe conheço outro... É a mais meiga, a mais carinhosa, a mais amante das esposas. Mas que queres? Todas as vezes que lhe falo em economias, desata a rir! Ri como se lhe eu houvesse dito uma pilhéria... de resto, ela ri de tudo... passa a vida a rir... e o seu riso é comunicativo e sonoro. Não toma nada a sério. É uma Frufriu.

RODRIGO

Uma Frufriu pobre.

ÂNGELO

Que se supõe rica.

RODRIGO

Pois é preciso, é urgente desvanecer-lhe essa ilusão, embora o faças com todas as precauções e cautelas, como se lhe desses a notícia da morte de um parente.

ÂNGELO

Talvez me falte o ânimo.

RODRIGO

Se ela te ama, como creio, conformar-se-á com a sorte, e aceitará resignada a pobreza do casal; se te não ama, adeus! que vá passear!

ÂNGELO

Oh!

RODRIGO

Para que precisas tu de uma mulher que te não ame?

ÂNGELO

Mas se essa mulher é a minha?

RODRIGO

Tua? Uma mulher que te não ama não pode ser tua!

ÂNGELO

E quando me não amasse? Amo-a eu, e não me sinto com forças para viver sem ela!

RODRIGO

Mas se também não te sentes com forças para aguentar o repuxo? Quem não pode com a carga, arria!

ÂNGELO

Ou deixa-se esmagar por ela! Que diabo! Vê que não se trata da minha amante, mas da minha esposa.

RODRIGO

E tu a dar-lhe! O que te aconselho apavora à primeira vista, mas é honesto e sensato. Enche-te de coragem, chega-te à tua mulher, e dize-lhe: — Menina, estamos sem vintém; os teus cinquenta contos e os meus cento e cinquenta evaporaram-se. Se queres viver modestamente de hoje em diante, isto é, sem carros nem cavalos, nem uma dúzia de chapéus por ano, continuarei a ser o teu esposo, e com muito prazer, porque te amo; se não queres, vai para a casa de teu pai, e leva contigo as tuas joias, as tuas toaletes, os teus chapéus, e mais o teu dote, que te restituo intacto!

ÂNGELO

E depois?

RODRIGO (*naturalmente*)

Depois trataremos do divórcio.

ÂNGELO

Do divórcio!... Pois tu não achas que o divórcio é um escândalo?

RODRIGO

Acho, e foi por isso que nunca me quis casar. Não gosto de dar

escândalos.

*(Ouvem-se as gargalhadas de Henriqueta)*

ÂNGELO

Ouves? É ela... é o seu riso! Vê que alegria vai entrar nesta casa!

## CENA VII

*Ângelo, Rodrigo, Henriqueta, Ludgero, Isabel.*

*(Henriqueta é a primeira a entrar. Vem rindo às gargalhadas, e cai sentada numa cadeira)*

ÂNGELO

De que estás rindo? *(Ela ri tanto, que não pode responder. A Ludgero)*  
Que viu ela?

LUDGERO

Sei lá! Foi ao sair do bonde que começou a rir.

HENRIQUETA *(a Ângelo)*

Imagina que aquele teu amigo que é juiz... aquele que foi delegado... que veio a um dos nossos jantares...

ÂNGELO

O Ponciano?

HENRIQUETA

Deve ser isso. Ele tem cara de Ponciano. *(Todos riem)* Acompanhou-me hoje por toda parte... esperou por mim à porta do Palais-Royal...à porta do Esposende... entrou no Castelões logo atrás de mim... saiu quando eu saí... e agora, ao descer do bonde, dei com o pobre conquistador sentado no último banco, a lançar-me uns olhos de enxova morta. Não pude conter o riso! *(Rindo-se)* Ah! Ah! Ah!! que homem ridículo! *(de repente muito séria)* Aí está por que não gosto de andar senão de carro!

ÂNGELO

Pois sim, mas enquanto o cocheiro estiver doente...

HENRIQUETA (*rindo*)

Espero que não desafies o Ponciano! (*Muito séria*) Oh! um duelo por minha causa! Nunca!

ÂNGELO

Henriqueta, deixa-me apresentar-te um amigo que deves ter muita satisfação em conhecer pessoalmente...

HENRIQUETA

Ah! O doutor Rodrigo! (*Estende-lhe a mão, que ele aperta*)

RODRIGO

Conhece-me?

HENRIQUETA

Quando não tivéssemos o seu retrato, Ângelo tem me falado tanto, tanto do seu melhor amigo, e tantas vezes descrito a sua pessoa, que eu, vendo-o, reconhecê-lo-ia logo.

ÂNGELO

Chegou sem ser esperado, e a sua primeira visita foi nossa.

RODRIGO

Mesmo em traje de bordo.

HENRIQUETA

Não imagina como é querido nesta casa!

RODRIGO

Vossa excelência confunde-me. (*Beija-lhe a mão*)

HENRIQUETA

Admito esse vossa excelência por ser a primeira vez que nos falamos, mas desde já o intimo a tratar-me com a mesma

familiaridade com que trata meu marido. O senhor é da família.

*(Rodrigo inclina-se)*

ÂNGELO *(apresentando)*

Dona Isabel de Lima, minha sogra... O doutor Rodrigo Fontes...

RODRIGO

Minha senhora...

ISABEL

Folgo de o conhecer.

*(Apertos de mão)*

ÂNGELO

O doutor Ludgero de Lima, meu sogro. O doutor Rodrigo Fontes...

RODRIGO e LUDGERO

Doutor...

*(Apertos de mão)*

LUDGERO

Meu genro já me havia falado muitas vezes do doutor... Acaba de chegar da velha Europa, creio?

RODRIGO

Sim, senhor, hoje mesmo.

LUDGERO

Então ainda não apreciou os embelezamentos da cidade?

RODRIGO

Apenas de relance... Já estavam muito adiantados quando parti, há dois anos.

LUDGERO

Tem sido uma transformação — como direi? — radical!

HENRIQUETA (*a Ângelo*)

Sabes quem vi na Avenida? Chiquinha Gomes... É a quarta ou quinta vez que a vejo com aquele vestido cinzento!

ISABEL

Que tem isso, minha filha? Olha, este já o tenho posto mais vezes.

HENRIQUETA

Pois sim, mas tu não és uma pretensiosa como a Chiquinha Gomes, que se intitula a árbitra das elegâncias femininas! (*Rindo-se*) Ah! Ah! Ah! Sabes como a Adelaidinha lhe chama? Dona Petrônia! (*Todos ríem*) Pobre senhora! Não se enxerga! Uma elegante que passeia na avenida Beira-mar sem chapéu, sob pretexto de que mora perto! — A propósito de chapéus —, trouxeram? — Ah! cá esta ele! (*A Ângelo*) Gostaste?...

ÂNGELO

Paguei.

(*Todos ríem*)

HENRIQUETA

Não gostaste?

ÂNGELO

Não vi.

HENRIQUETA

Com efeito! que falta de curiosidade! (*Vai abrir a caixa, tira o chapéu e mostra-o a Ângelo durante o diálogo que se segue*)

LUDGERO (*a Rodrigo*)

Vai abrir consultório, doutor?



RODRIGO

Não, senhor; eu não clinico.

LUDGERO

Mas se não me engano, meu genro disse-me que o doutor tinha ido estudar medicina.

RODRIGO

Efetivamente, mas para o meu uso particular.

LUDGERO

Por que não clinica?

RODRIGO

Porque tenho medo. A responsabilidade do médico é tamanha, que me assusta. Não me considero suficientemente habilitado para curar os enfermos.

LUDGERO

Essa modéstia é — como direi? — excessiva.

RODRIGO

São escrúpulos.

LUDGERO

Se os seus colegas pensassem todos assim, poucos médicos haveria.

RODRIGO

E pouquíssimos doentes.

LUDGERO

Pois também eu não advogo, não porque não tenha confiança nas minhas luzes, mas porque felizmente me encontro numa situação — como direi? — independente. Sou proprietário agrícola.

*(Rodrigo inclina-se)*

HENRIQUETA *(a Rodrigo)*

Dá-me a sua opinião sobre este chapéu?

RODRIGO

Peço-lhe que me dispense, minha senhora, porque nada entendo de modas. Entretanto, direi que o conjunto é agradável... as cores combinam-se bem... esta pluma é graciosa e está colocada com certo sentimento estético.

LUDGERO

Bravo! falou como um artista.

RODRIGO

Em chapéus.

ISABEL

Foi por causa dessa pluma que ele custou tão caro.

LUDGERO

Cento e cinquenta mil réis.

ISABEL

E o homem pediu duzentos. Se não fosse eu, Henriqueta comprava-o por esse preço.

HENRIQUETA

Mesmo assim, não seria caro.

LUDGERO

Talvez não seja essa a opinião de meu genro, que pagou. (*A Rodrigo, em tom meio confidencial*) É verdade que a pequena trouxe alguma coisa para — como direi? — para os seus alfinetes...

RODRIGO

Mas, a julgar pelo preço deste chapéu, atualmente os alfinetes estão pela hora da morte.

ISABEL

Tudo encareceu no Rio de Janeiro!

LUDGERO

Tudo! O pobre luta com dificuldades — como direi? — insuperáveis para viver! Felizmente não me posso queixar da sorte... gasto muito, muitíssimo, mas vivo a meu gosto.

HENRIQUETA

E o essencial. Quando a gente não vive a seu gosto, o melhor é morrer.

*(Ângelo troca um olhar de inteligência com Rodrigo)*

RODRIGO

A mortandade será horrível, porque raros indivíduos vivem a seu gosto.

ISABEL

O doutor é solteiro?

RODRIGO

Sim, minha senhora.

ISABEL

E não pensa em casar-se?

RODRIGO

Eu poderia responder a vossa excelência como Fontenelle, quando lhe fizeram a mesma pergunta; mas confesso que nunca pensei no casamento. A vida conjugal assusta-me também, tal qual a Medicina.

LUDGERO

Mas na comunhão social, o matrimônio é um dever — como direi? — imprescritível; é o complemento do homem.

RODRIGO

Pois eu decididamente não me completo.

ISABEL

Ludgero, não se esqueça de que vamos à casa do conselheiro, e é longe.

LUDGERO

Tens razão, minha mulher. Vamos!

ÂNGELO

Então não jantam conosco?

HENRIQUETA

Foram convidados para um jantar de aniversário...

ÂNGELO

Natalício?

LUDGERO

Não; casamentício. Vamos, minha mulher!

ISABEL

Vamos!

LUDGERO (*a Rodrigo*)

Doutor, tenho muita honra em conhecê-lo, e lá estamos às suas ordens na pensão Schumann. Depois que casei a filha, desmanchei o palacete.

RODRIGO

Santa Teresa, rua Petrópolis, número 50.

LUDGERO

Todas as vezes que nos der a honra de sua visita, será recebido — como direi? — com especial agrado.

RODRIGO

Agradecido.

ISABEL

Doutor...

LUDGERO

Até sempre.

*(Apertos de mão)*

HENRIQUETA

Vou acompanhá-los até o jardim.

*(Saem Ludgero e Isabel, acompanhados por Henriqueta)*

## CENA VIII

*Ângelo, Rodrigo.*

RODRIGO

Tua sogra parece-me uma excelente senhora; mas teu sogro é um idiota.

ÂNGELO

Não te dizia?

RODRIGO

Parece até que a sogra é ele e não ela. — Como é que um homem assim consegue formar-se em Direito?

ÂNGELO

Que diabo! Há-os ainda piores!

RODRIGO

Não! olha que aquele casamentício...

ÂNGELO

O que deve dizer é como um homem assim pode ser pai de Henriqueta!

RODRIGO

Tua mulher é realmente lindíssima, encantadora... mas não te ofendas se te disser que a achei frívola.

ÂNGELO

Sou o primeiro a reconhecer que ela...

RODRIGO

Achei de muito mau gosto aquela história do Ponciano..

ÂNGELO

Também eu: mas... não te disse que ela não tomava nada a sério?

RODRIGO

Com a cabecinha que tem, talvez te seja difícil convencê-la de que é preciso modificar profundamente o seu modo de viver. Mas ora adeus! Tens sido muitas vezes eloquente na tribuna; trata de sê-lo agora em família. Tens alcançado grandes triunfos na defesa dos outros; pois defende-te agora a ti mesmo e à tua mulher!

ÂNGELO

Como seríamos felizes se eu fosse rico!

RODRIGO

Não é dinheiro que vos falta.

ÂNGELO

Já sei, é juízo.

RODRIGO

Também não é juízo. O que vos falta é um filho. Não que eu pense do casamento sem filhos o mesmo que Tolstoi, um sábio que abusa singularmente do direito de dizer coisas que nele são paradoxos, e noutro qualquer seriam disparates. Um filho seria para tua mulher um excelente derivativo, e a ele, senão a ti, faria ela todas as

concessões imagináveis. Entretanto, fala-lhe francamente, e quanto antes melhor. O anel de três contos que ela traz no dedo é um ótimo pretexto para unia explicação urgente, que não debes adiar.

## CENA IX

*O mesmos, Henriqueta.*

HENRIQUETA

Lá foram eles.

RODRIGO *(que foi tomar o chapéu e a bengala)*

Minha senhora...

HENRIQUETA

Já? Pois não janta?

RODRIGO

Hoje não. Tenho que ir a casa, desarrumar as malas, dar algumas ordens, etc. Quem chega de uma longa viagem está morto por se apanhar no seu *ubi*.

HENRIQUETA

Tem razão, mas espero que considere esta casa como sua.

RODRIGO

Muito obrigado. *(Aperta-lhe a mão, e vai apertar a de Ângelo)* Até amanhã.

ÂNGELO

Até amanhã. *(Passa-lhe um braço em volta do pescoço e sai com ele)*

## CENA X

*Henriqueta, depois Ângelo.*

*(Pequena cena muda. Henriqueta vai examinar mais uma vez o chapéu,*

*que ficou sobre a secretária. Depois guarda-o na caixa)*

ÂNGELO

Isto é que é amizade! Rodrigo desembarcou e, antes de ir a casa, veio visitar-nos!

HENRIQUETA

É muito simpático.

ÂNGELO

É um coração de ouro.

HENRIQUETA

Mas não simpatizou comigo.

ÂNGELO

Por que o dizes?

HENRIQUETA

Não sei; pareceu-me que não me olhava com bons olhos. Fiz-lhe talvez má impressão.

ÂNGELO

Prevenção tua. (*Senta-se*)

HENRIQUETA

Foi talvez a história do Ponciano.

ÂNGELO

Mas também que lembrança a tua! Bem podias guardar aquilo para quando estivéssemos sós.

HENRIQUETA

Eu não o tinha visto. (*Indo sentar-se ao lado de Ângelo*) Ele é muito simpático, mas tu... (*Dando-lhe um beijo*) Tu és muito mais simpático.

ÂNGULO



Ora graças que me deste um beijo!

HENRIQUETA

Toma outro pela demora.

ÂNGELO (*tomando-lhe as mãos*)

É este o anel que compraste por três contos?

HENRIQUETA

Ah! sim, esqueci-me de to mostrar! Vê como é lindo!

ÂNGELO

Mas não achas que isto é caro por três contos?

HENRIQUETA

Caro?...É o preço! Bem sabes que o Esposende é um negociante sério.

ÂNGELO

Não digo o contrário, mas há brilhantes que fazem mais vista e são mais baratos.

HENRIQUETA

Cala-te! Não entendes disto!

ÂNGELO

E tu? entendes?

HENRIQUETA

Mais do que tu.

ÂNGELO

Que necessidade tinhas de comprar este anel?

HENRIQUETA

Que necessidade tinha de o não comprar?

ÂNGELO

Já possuis tantas joias...

HENRIQUETA

As joias nunca são demais: são como as estrelas no céu.

ÂNGELO

Henriqueta, amo-te muito, muito, e não quisera dizer-te nada que te pudesse afligir...

HENRIQUETA

É sermão? Deixa-me primeiro mudar de toalete, que são quase horas de jantar.

ÂNGULO

Vem cá... o meu dever é prevenir-te de uma coisa.

HENRIQUETA

Que coisa?

ÂNGULO

Tu nos supões mais ricos do que na realidade somos.

HENRIQUETA

Estamos então na miséria?

ÂNGELO

Não, não estamos na miséria, mas lá chegaremos se não encurtarmos as nossas despesas. Quem só possui o que nós possuímos não tem o direito de comprar anéis de três contos.

HENRIQUETA

Ah! ah! ah! Só esta me faria rir! Que grande coisa um brilhante de três contos! Há-os de trinta, quarenta e cinquenta contos!

ÂNGELO

De muito mais! O Grão-Mogol, que pertence à coroa da Inglaterra, foi avaliado não sei em quantos milhões de libras esterlina!

HENRIQUETA

Pois bem... não tens do que te zangar... Paga este anel com o dinheiro do meu dote.

ÂNGELO

Já cá tardava o teu dote.

HENRIQUETA

És tu que me obrigas a falar nele!

ÂNGELO

O teu grande dote!

HENRIQUETA

Vamos e venhamos. Não é pataca e meia: são cinquenta contos de réis!

ÂNGELO

E sabes quanto temos gasto desde que nos casamos?

HENRIQUETA

Espero que não vás agora exigir que me ocupe dessas coisas.

ÂNGELO

Mas é bom que te ocupes. A gente deve saber quanto possui e de quanto pode dispor... Nós fazemos despesas supérfluas, que devemos cortar.

HENRIQUETA

Quais são elas?

ÂNGULO

Que necessidade temos de carros e cavalos que nos custam os olhos da cara?

HENRIQUETA

Que?... Tu queres desfazer-te do nosso cupê e da nossa caleça? Ah! ah! ah! Deixa-me rir! Que diabo tens tu hoje? Foi com a chegada do teu amigo? — Não! por amor de Deus, não me digas, nem brincando, que devemos suprimir os carros! Seria muito ridículo! Que bonita figura nós faríamos! (*Abraça-se ao marido chorando*)

ÂNGULO

Não chores, que não te quero ver chorar!

HENRIQUETA

Então para que provocas as minha lágrimas?

ÂNGELO

Acabou-se, passou; dá cá um beijo.

HENRIQUETA

Não dou!

ÂNGELO

Dá!

HENRIQUETA

Não dou!

ÂNGELO

Pois não dê; tomo-to à força. (*Beija-a*)

HENRIQUETA

Mau! Mal sabes tu que há muitos dias eu me estava preparando para pedir-te um automóvel!

ÂNGELO

Um automóvel? Estás doida! Onde iríamos nós buscar dinheiro para um automóvel?

HENRIQUETA

No meu dote!

ÂNGELO

Tu sabes quanto custa um automóvel?

HENRIQUETA

O de Chiquinha Comes custou só quinze contos!

ÂNGELO

E o chofer, os consertos, a gasolina?...

HENRIQUETA

Ora a gasolina!

ÂNGELO

Ouve, Henriqueta. No Rio de Janeiro, que precisa ainda de muitas avenidas para que nele se possa viver à vontade, como nos grandes centros civilizados, há muita gente que sabe da vida alheia mais do que lhe vai por casa. Tu não sabes quanto possuímos, e muitos estranhos o sabem, como se houvessem revistado as nossas gavetas; e as senhoras que gastam mais do que deveriam gastar, são, pelo menos, suspeitadas. Ainda agora disseste que o Ponciano te acompanhou hoje por toda parte, como se foras uma mulher fácil. O Ponciano é um bobo, mas não creias que procedesse com tanta impertinência se alguma coisa não lhe rosnasse a teu respeito.

HENRIQUETA

Que poderão dizer de mim? Sou uma senhora irrepreensível. Gosto de rir, de brincar, mas...

ÂNGELO

Não é o teu riso, nem são os teus brincos que me inquietam: isso é a tua mocidade rebentando em flor. Eu só protesto contra os teus hábitos de dissipação.

HENRIQUETA

Dissipação?

ÂNGELO

Sim! Tu gastas como se fosses casada com o rei do petróleo!

HENRIQUETA

Ah! ah! ah! Ainda agora a gasolina, agora o petróleo.

ÂNGELO

Peço-te que desta vez não te rias, porque estou falando muito seriamente.

HENRIQUETA

Com efeito! Nunca pensei que viesses perturbar a nossa ventura com uma questão de níqueis.

ÂNGELO

Não são níqueis: são contos de réis que atiras à rua!

HENRIQUETA

Quando desaparecer o último vintém do meu dote, avisa-me. Podes ficar certo de quê, esgotados os meus cinquenta contos, não gastarei mais nem um real: só comprarei vestidos de chita e brilhantes montana.

ÂNGELO

Vejo que não há meio de te falar seriamente.

HENRIQUETA

Se eu quisesse tomar a sério tudo quanto me tens dito, não sei o que seria de nós. Não é a primeira vez que me ralhas por causa das minhas despesas, mas hoje me tens dito coisas que nunca ouvi dos teus lábios. Ora as minhas despesas! As minhas despesas são, no final das contas, as mesmas que fazem todas as senhoras na minha situação.

ÂNGELO

Mas, vem cá, meu amor: tu sabes qual é a tua situação?

HENRIQUETA (*chorando*)

Sei! é a situação de uma pobre mulher, que foi amada e já o não é. Pelos modos, o teu amor é a moeda que mais se gasta nesta casa... e a moeda com que tenho pago as minhas loucuras!... Confessa que o teu coração está mais vazio que o teu cofre!

ÂNGELO

Cala-te, Henriqueta, cala-te! Não sabes o que estás dizendo! Amo-te muito, muito, e o meu amor é o mais puro, o mais nobre, o mais desinteressado, o mais cavalheiresco! Eu quisera possuir milhões e bilhões para arrojá-los a teus pés e satisfazer assim a todos os caprichos da tua fantasia! Não! não é com o meu amor que se pagam as tuas joias e o teu luxo; se essa fosse a paga, todas as joias do mundo seriam tuas; poderias ser a rainha universal da moda, porque a fonte não se estancaria jamais! Infelizmente, porém, o amor não paga senão o amor; as carruagens, os cavalos, as toaletes com que deslumbras quem passa, provocando admiração, inveja e maledicência, são pagos a dinheiro, e o dinheiro corre de uma fonte menos inexaurível que a do amor!

HENRIQUETA

Não me fales em dinheiro, Ângelo; não levantes uma nuvem negra no céu azul da nossa ventura! Já te disse, dispõe do meu dote. Não falemos mais nisso! Não percamos em discussões odiosas o tempo, que é pouco para nos amarmos... Em vez de me repreenderes, acaricia-me: em vez de conselhos, dá-me beijos; são tão bons os teus beijos!... (*Depois de se beijarem*) Não alteremos o nosso modo de viver... Temos sido assim tão felizes!... Promete, meu Ângelo, promete que nunca mais me falarás em dinheiro... Promete...

ÂNGELO

Prometo.

HENRIQUETA

Jura!

ÂNGELO

Juro.

HENRIQUETA

Também eu te amo tanto, tanto, tanto. Não tenho no mundo senão minha mãe, meu pai e tu...

ÂNGELO

Eu não tenho senão tu. (*Vendo entrar Pai João*) Minto! Tenho também Pai João.

PAI JOÃO

*O zantá z'tá na mesa.*

HENRIQUETA

Bonito! O jantar está na mesa e eu não mudei de toalete...

## ATO II

*O mesmo gabinete, três meses depois.*

### CENA I

*Ângelo, Rodrigo.*

*(Ângelo está sentado à secretária, pondo papéis em ordem. Rodrigo entra pelo fundo)*

RODRIGO

Recebi o teu recado. Aqui estou.

ÂNGELO (*erguendo-se*)

Ainda bem. (*Apertando-lhe a mão*) Obrigado.

RODRIGO

Que há?

ÂNGELO

Fiz hoje o que há três meses, no dia em que chegaste da Europa, me



aconselhaste que fizesse.

RODRIGO

Desembuchaste?

ÂNGELO

Desembuchei.

RODRIGO

Ora graças!

ÂNGELO

Disse a minha mulher toda a verdade, toda a medonha verdade. Logo que percebeu qual era o assunto da conversa, enfureceu-se. Sabes que eu havia prometido e até jurado nunca mais falar-lhe em dinheiro...

RODRIGO

Sim.

ÂNGELO

Não queria ouvir... tentava fugir-me... Foi preciso que eu a agarrasse pelo pulso e a obrigasse a ouvir tudo!

RODRIGO

Nessas condições talvez não ouvisse nada.

ÂNGELO

Ouviu com certeza. Pôs-se a chorar... um choro de raiva... um choro mau, que lhe não conhecia, e me fez descobrir nela, pela primeira vez, alguma coisa que destruíra todo seu encanto feminino. E o seu olhar tomou uma expressão inédita... uma expressão que jamais suspeitei naqueles olhos... uma expressão em que julguei adivinhar, enfim, que a natureza não a fez para mim, nem me fez a mim para ela! Basta um olhar para prender e subjugar um homem... outro olhar é bastante para libertá-lo! (*Esfregando os olhos como se saísse de um sonho*) Acabou-se!

RODRIGO

E depois desse olhar? Mais nada?

ÂNGELO

Nada mais. Henriqueta foi para o seu quarto e fechou-se por dentro, batendo violentamente a porta. (*Pausa, durante a qual os dois amigos passeiam sem dizer palavra*) A minha situação é desesperadora! Isto não pode continuar!

RODRIGO

Naturalmente. O mesmo disse-te eu há três meses. Mas descansa... vejo as coisas bem encaminhadas.

ÂNGELO

Escrevi hoje a meu sogro.

RODRIGO

Em que sentido?

ÂNGELO

Convidando-o para uma conferência sobre negócios de família. Palpita-me que nada conseguirei de Henriqueta. Pode ser que seu pai consiga tudo.

RODRIGO

E eu? Para que me mandaste chamar?

ÂNGELO

Para te dizer isso mesmo e perguntar-te se aprovas o meu programa.

RODRIGO

Duvido muito que teu sogro lhe faça ouvir a voz da razão. É um fútil. Em todo caso, é de boa política recorrer ao pai antes de tomar uma resolução extrema. É mesmo por aí que deveríamos ter começado. Não me lembrei disso. Que queres? Eu sou pelos meios

violentos, tu és pela conciliação. Bem se vê que és advogado, e eu médico.

ÂNGELO

Achas então que fiz bem chamando meu sogro?

RODRIGO

Fizeste muito bem. Se ele não se puser ao teu lado, se tomar as dores da filha, dize-lhe francamente que pode levá-la, e mais o dote.

ÂNGULO

O dote irá depois.

RODRIGO

Não: já.

RODRIGO

Fizeste muito bem. Se ele não se puser a teu lado, se tomar as dores da filha, dize-lhe francamente que pode levá-la, e mais o dote.

ÂNGELO

O dote irá depois.

RODRIGO

Não: já.

ÂNGELO

Onde irei eu buscá-lo de pronto?

RODRIGO

Na algibeira de teu irmão.

ÂNGELO (*apertando-lhe a mão*)

Obrigado.

ÂNGULO

Onde irei eu buscá-lo de pronto?

RODRIGO

Na algibeira de teu irmão.

ÂNGULO (*apertando-lhe a mão*)

Obrigado.

RODRIGO

Para que servem os irmãos? — Quando ficou de vir teu sogro?

ÂNGELO

Estou à sua espera. Creio que não poderá tardar.

RODRIGO

Nesse caso, retiro-me. Voltarei para saber o resultado da conferência. Até logo.

ÂNGELO

Até logo. (*Vai sentar-se à secretária e continua a pôr papéis em ordem*)

RODRIGO (*ao sair, encontrando-se com Pai João, que entra*)

Salve, contemporâneo ilustre do primeiro reinado!

PAI JOÃO

Eh! eh! *siô doutló Lodligo z'stá senlple blincando.*

(*Rodrigo sai*)

## CENA II

*Ângelo, Pai João.*

ÂNGULO

Há alguma novidade, Pai João?

PAI JOÃO

*Siô moço doutló inda não pode paglá cocêlo, nem o copêlo, nem o jiadinêlo?*

ÂNGELO

Por quê? resmungaram?

PAI JOÃO

*Lez'mungalo, si, siô... Dize que se sió moço doutlô não paga hose, ele z'tudo vai se em bola.*

ÂNGULO

Que esperem mais três dias! E, se não quiserem, rua! Canalha, que tem sido tão bem paga até hoje!

PAI JOÃO

*Pai Zoão zá cingou ele z'ia dentlo... zá disse o diablo a esse z'sem vlegonha. Ola, se seu moço doutlô não tem dinêio, plo que não pede pletado a siô doutlô Lodligo?*

ÂNGELO

Não! não me animo! Tenho vergonha de confessar a Rodrigo a miséria a que me deixei arrastar... Mas tranquiliza-te, Pai João: estou para receber dinheiro... tenho clientes que me prometeram pagar por estes dias. Depois de amanhã receberei dois contos de réis.

PAI JOÃO

*Ah! é vledade! Tá aí também aquele home...*

ÂNGELO

Que homem?

PAI JOÃO

*Aquele bonito, que veio s'outlo dia, que usa luneta ledonda num óio só, e meia plo cima de botina, que siô moço doutlô disse que ele ela aziota.*

ÂNGELO

Já contava com essa visita. Que maçada! Manda-o entrar.

PAI JOÃO

*Si, siô. (Vai ao fundo e faz entrar Lisboa. Este é um bonito homem, vestido à moda e com extraordinária elegância. Monóculo. Polainas brancas)*

### CENA III

*Ângelo, Lisboa.*

LISBOA

Senhor doutor, tenho a honra de cumprimentar a vossa senhoria.

ÂNGELO (*secamente*)

Adeus.

LISBOA (*puxando uma cadeira*)

Peço licença para...

ÂNGELO (*retirando-lhe a cadeira*)

É inútil sentar-se. Em poucas palavras o despacho. (*Falando sem olhar para ele, e com volubilidade, como para se ver livre quanto antes de tão desagradável visita*) Ainda hoje não lhe posso pagar, e é muito provável que nem amanhã, nem por estes dias mais próximos. Nada receie pelo seu dinheiro. O juro com que mo emprestou foi tão elevado, tão extraordinariamente, tão torpemente elevado, que uma pequena demora em nada o prejudicará. Tenho esta casa... estes móveis... posso dispor das joias de minha mulher...mas não quero hipotecar, nem vender coisa alguma: só lançarei mão do dinheiro que tenho a receber. Espero vencer uma grande causa no Supremo Tribunal. Compreende que eu tenha mais interesse em me ver livre de você, que você de mim. Não se me dava de pagar ainda mais juros para evitar a sua presença.

LISBOA

Era isso mesmo o que eu lhe vinha propor.

ÂNGELO

Isso mesmo o quê?

LISBOA

Aumentar o valor da dívida para não esperar de graça.

ÂNGELO

De graça! Pois ainda lhe parece pouco o que...

LISBOA (*interrompendo-o*)

Entendamo-nos, meu caro doutor. Vossa senhoria pediu-me dez contos de réis e assinou um título de depósito de quinze... título com o qual, entre nós, posso metê-lo na cadeia em vinte quatro horas...

ÂNGELO

Se eu não lhe pagar em vinte e três e cinquenta e nove minutos, é exato. Veja você como este mundo é feito... Você, que é um ladrão, pode meter-me na cadeia, e eu, que sou um homem honrado, não posso fazer mais do que estou fazendo... posso apenas cuspir-lhe estes insultos na cara!

LISBOA

Se vossa senhoria me diz coisas tão feias antes de me pagar, que fará quando estivermos quites!

ÂNGELO

Quanto cinismo!

LISBOA

Meu caro doutor, quando um não quer, dois não brigam. Insulte-me à vontade... tem licença para fazê-lo... Quando abracei a infamante profissão de emprestar dinheiro a juros, muni-me de toda a coragem, resignação e paciência necessárias para ouvir tudo quanto me quisessem dizer. O dentista é muitas vezes insultado pelo freguês, quando lhe arranca um dente, e não reage. Também eu não reajo. Pagar juros dói, e o insulto é um desabafo instintivo. Um usurário do tempo antigo zangar-se-ia; mas eu, como vê, sou usurário *art-nouveau*. Não ando sujo nem mal trajado... não tenho a

barba por fazer... não uso óculos escuros... não tomo rapé... visto-me no melhor alfaiate, uso os melhores perfumes, sou um elegante.

ÂNGELO (*entre dentes*)

O que você é eu sei.

LISBOA

Vamos! insulte! — Insulte, mas pague. Há três dias que os quinze contos deviam estar no meu bolso: não estão ainda... Bem sei que não correm perigo... mas é justo que vossa senhoria reforme o título de depósito, dando-me novos interesses.

ÂNGELO

Pois não está satisfeito de me haver emprestado dez contos para receber quinze?

LISBOA

Parece-lhe exagerado o meu lucro? Permita dizer-lhe que isso é preconceito, meu caro doutor. E, se não, veja: vossa senhoria disse-me que está patrocinando uma causa quase vencida, e está, que o sei. Por ventura o dinheiro com que vai ser pago representa a justa remuneração, o valor intrínseco do seu trabalho? Não! Se lhe aparecesse o mesmíssimo trabalho e lhe rendesse apenas a terça parte do que esta lhe vai render, vossa senhoria não a mandaria a nenhum colega pobre.

ÂNGELO

Deixe-me! Preciso estar só.

LISBOA

Mais duas palavras: vossa senhoria tem uma doença grave, está em perigo de vida; manda chamar um médico; este vem, salva-o e cobra-lhe cinco... seis... dez contos de réis. Vossa senhoria paga-lhos de cara alegre, porque entende — e entende muito bem — que a sua vida vale muito mais. Entretanto, o homem que cobra cinco contos para salvar-lhe a honra, mais preciosa que a vida, é um ladrão! Veja vossa senhoria como este mundo é feito! Cria-me, meu caro



doutor, que todos nós rolamos neste velho planeta, com a mesma preocupação: fazer passar para as nossas algibeiras o dinheiro que está nas algibeiras dos outros. Ele tem muitos nomes... chama-se juros, honorários, bonificações, comissões, gratificações, etc., mas é sempre o mesmo dinheiro; são as mesmas notas que vão e vêm, fogem e voltam deste para aquele maço... desta para aquela mão... fiz como os outros. Vossa senhoria precisou de dinheiro por estar enforcado. Procurou-me como procuraria um médico, se precisasse de saúde por estar doente. Aproveitei, como aproveitaria o médico. Note-se que não ofereci os meus serviços a vossa senhoria... foi vossa senhoria que me procurou, solicitando esse empréstimo. E peço licença para lembrar a vossa senhoria que nessa ocasião não fui insultado.

ÂNGELO

Mas, afinal, que deseja?

LISBOA

Já disse. Ou o pagamento imediato dos quinze contos, ou a renovação do título de depósito.

ÂNGELO

Mais cinco contos?

LISBOA

Não! — eu sou menos ladrão do que lhe pareço. Exijo apenas mais dois contos e quinhentos. (*Tirando um papel do bolso*) Aqui está o novo título estampilhado. É só assiná-lo.

ÂNGELO (*indo a secretária*)

Repito: você é um ladrão...

LISBOA

Refinado!

ÂNGELO (*tomando a pena*)

Um salteador...

LISBOA  
De estrada!

ÂNGELO (*assinando*)  
Uma pústula...

LISBOA  
Social!  
ÂNGELO  
Toma, bandido! Que é do outro título?

LISBOA  
Cá está. Trocamos títulos.

(*Ângelo examina o que recebe e rasga-o*)

ÂNGELO  
Agora, rua!

LISBOA  
Meu caro doutor, sempre às ordens de vossa senhoria.

(*Vai a sair. Entram Ludgero e Isabel. Lisboa cumprimenta-os com muita correção de maneiras e sai*)

#### CENA IV

*Ângelo, Ludgero, Isabel.*

LUDGERO (*impressionado pela figura de Lisboa*)  
Quem é este senhor?

ÂNGELO  
Um cliente.

LUDGERO

É um cavalheiro — como direi? — correto.

ÂNGELO

Corretíssimo.

LUDGERO (*apertando a mão de Ângelo*)

Tem passado bem?

ÂNGELO

Menos mal, obrigado.

ISABEL (*depois de apertar a mão de Ângelo*)

E Henriqueta?

ÂNGELO

Boa.

LUDGERO

Recebi o seu bilhete, e aqui estou, quero dizer: aqui estamos, porque, como se tratava de uma conferência sobre negócios de família, entendi que devia trazer comigo minha mulher. Fiz mal?

ÂNGELO

Fez muito bem.

ISABEL

Estou assustada. Há alguma novidade?

LUDGERO

Que novidade quer você que haja, minha mulher? Não há novidade alguma! Jesus! as mulheres são todas como direi? — impressionáveis.

ÂNGELO

Engana-se, doutor: temos uma grande novidade.

LUDGERO

Ah!

ÂNGELO

É eu peço toda sua atenção — e a da senhora para o que vou dizer.  
Sentemo-nos.

*(Sentam-se)*

LUDGERO

Este mistério!... esta solenidade!... *(Erguendo-se com veemência)* Dar-se-á caso que minha filha, esquecendo o decoro que deve a si, à família e à sociedade, tenha faltado aos seus deveres — como direi? — conjugais?

ISABEL

Cale-se, Ludgero!... isso é impossível!

ÂNGELO

Diz muito bem — Henriqueta é a mais pura das mulheres.

*(Ludgero senta-se, tranquilizado)*

ISABEL

Onde está ela?

ÂNGELO

No seu quarto.

ISABEL

Incomodada?

ÂNGELO

Não; amuada.

LUDGERO

Amuada?

ÂNGELO

Zangada, se quiser.

LUDGERO (*rindo*)

Ah! já sei do se que trata. Ciúmes. A pequena desconfiou de alguma coisa... Ande lá! o senhor não é — como direi? — um santo... não caiu do céu por descuido...

ÂNGELO

Ora essa! afirmo-lhe que sou o mais fiel dos maridos.

LUDGERO

Pois sim! No Rio de Janeiro só há um marido fiel.

ISABEL (*sem ironia*)

É você

LUDGERO

Sou eu. (*Fazendo menção de levantar-se*) Mas deixa estar, que arranjo tudo!

ÂNGELO (*obrigando-o a sentar-se*)

Não! não se trata de ciúmes. Trata-se de coisa muito mais séria.

LUDGERO

Ah!

ÂNGELO

Minha mulher está zangada por causa de uma explicação que tivemos, ou por outra, que não tivemos.

LUDGERO

Uma explicação?

ISABEL

A que respeito?

ÂNGELO

A respeito das nossas despesas.

LUDGERO

Já?

ÂNGELO

Pergunta se já? Pois todo o meu mal foi não ter tido essa explicação há mais tempo, e haver deixado para a última hora, tal qual como no Congresso, a discussão do orçamento. É verdade que sempre chamei a atenção de Henriqueta para as suas despesas excessivas e lhe pedi que as restringisse... Foi o mesmo que nada!

LUDGERO

O senhor fala-nos das despesas de Henriqueta, mas essas despesas não foram feitas pelo casal?... não as realizaram marido e mulher — como direi? — de comum acordo?

ÂNGELO

Não, senhor —; nesse particular nunca houve perfeito acordo entre Henriqueta e eu. Ela fez sempre grandes gastos sem que eu soubesse ou contra minha vontade.

ISABEL

Que conversa desagradável!

ÂNGULO

Muito desagradável.

LUDGERO

O dote de minha filha não está — como direi? — intacto?

ÂNGELO

Intacto? (*Levantando-se e indo à secretária buscar um maço de contas*) Aqui estão as contas, devidamente pagas, com os respectivos recibos e as competentes estampilhas, de tudo quanto gastamos depois de casados. (*Dando-lhe um papel separado das contas*) Esta é a relação dessas contas, com as parcelas somadas.

LUDGERO (*lendo*)

Cento e oitenta e quatro contos, novecentos e trinta e cinco mil e oitocentos réis! Cáspite! E uma soma — como direi? — avultada!

ÂNGELO

Não figuram aí, necessariamente, as despesas de cujos pagamentos não se tem recibo. Sua filha entrou para esta casa com cinquenta contos e eu com cento e cinquenta, além de tudo quanto de então para cá rendeu a minha banca de advogado. Pois querem saber? Não temos nem mais vintém senão dívidas! (*Ludgero e Isabel levantam-se como impelidos por uma mola. Ângelo frisa*) Nem — mais — vintém!

(*Pausa*)

LUDGERO

E que deseja o senhor?... que eu o auxilie?

ÂNGELO

Não, senhor! Não peço nem desejo absolutamente o auxílio de ninguém. Felizmente não estamos insolváveis; apenas suspendemos pagamentos. O nosso ativo é muito mais considerável que o nosso passivo. Temos esta casa livre e desembaraçada, e o que está cá dentro representa algum dinheiro. E quando nada tivéssemos, teríamos meu trabalho. Não sou, graças a Deus, um advogado sem causas.

LUDGERO

Se é uma alusão — como direi? — pessoal, declaro-lhe que, se não advogo, é porque não quero!

ÂNGULO

Não tive a menor intenção de ofendê-lo, mas o doutor que se ofendeu foi porque, com a triste revelação que lhe acabo de fazer, nasceu-lhe imediatamente no espírito certo sentimento de hostilidade contra mim.

ISABEL

Não há motivo para lhe querermos mal.

LUDGERO

Cale-se minha mulher! O belo sexo não tem voz ativa neste capítulo! São questões — como direi? — transcendentais! — O senhor foi imprevidente.

ÂNGELO

Seria preciso ter estado aqui dentro e assistido às lutas que travei com Henriqueta, para reconhecer que não houve tal imprevidência de minha parte. Leve essas contas consigo... vou pô-las dentro do seu chapéu (*Faz o que diz*)... examine-as, e encontrará nelas a minha justificação. Mas eu não o chamei para pedir-lhe conselhos, pelo menos para mim, nem para ouvir recriminações feitas a mim ou à sua filha. O que lá vai, lá vai, e o dinheiro que se gastou era meu e dela. Chamei-o para que tente, com a sua autoridade de pai, conseguir o que não alcancei com minha autoridade de marido, porque esse maldito dote sempre foi o estorvo, a resistência que encontraram todos os meus esforços. Hoje resolvi que a explicação fosse decisiva. Ela ouviu-me, enfureceu-se e fechou-se no quarto!

LUDGERO

Mas... que quer o senhor que eu diga a minha filha?

ISABEL

Ora, Ludgero! Dize-lhe simplesmente que ela é pobre, e precisa mudar de vida, isto é, viver como pobre e não como rica.

ÂNGELO

O mais é gastar palavras.

LUDGERO

Isto vai ser para a pobre pequena um sacrifício — como direi? — cruel!



ÂNGELO

Maior sacrifício é uma vida de expedientes, humilhações e vergonhas. — Aquele cavalheiro correto que saía daqui quando o senhor entrava, não era um cliente: era um agiota.

LUDGERO

Um agiota? Ninguém o dirá.

ÂNGELO

Um agiota *art-nouveau* a quem recorri para um pagamento inadiável de joias e farandulagens!

LUDGERO (*como tomando subitamente uma resolução*)

Minha mulher, vamos conversar com Henriqueta!

ÂNGULO

Isso! Conversem com ela, façam-na entrar no bom caminho. Mas o melhor é ela vir aqui. Lá dentro há criados bisbilhoteiros. Vou mandar chamá-la, e deixo-os aqui no gabinete à vontade. (*Sai*)

## CENA V

*Ludgero, Isabel.*

(*Ludgero passeia agitado e Isabel senta-se numa cadeira em atitude calma. Longa pausa*)

LUDGERO

Não nos faltava mais nada!

ISABEL

Isto não me surpreendeu. Eu sempre disse que, na minha opinião, Henriqueta gastava mais do que devia.

LUDGERO

Deixe-o falar, minha mulher! Gastava do seu! Examine as despesas pessoais de nossa filha, e verá que não chegam aos cinquenta contos

do dote. Olhe que cinquenta contos é — como direi? — é dinheiro!

ISABEL

Não desejo contrariá-lo, mas não concordo. Cinquenta contos é dinheiro, é muito dinheiro, não há dúvida, nas mãos de um casal poupado, econômico, sem pretensões de grandezas; mas para quem quer deslumbrar o mundo com seu luxo, cinquenta contos é uma pitada de ouro. Nunca supus que aqueles durassem muito.

LUDGERO

Nosso genro não foi homem! Faltou-lhe um pouco de energia — como direi? — máscula!

ISABEL

Foi delicado. Se procedesse por outra forma, seria um bruto, um violento, um mau marido! Devemos reconhecer, infelizmente, que a maior culpa não cabe à nossa filha, senão a nós, e mais a você que a mim, pela educação que lhe demos...

LUDGERO

Eu já sabia que, no final das contas, deveria ser o culpado de tudo!

ISABEL

Pois se Henriqueta parece-se extraordinariamente com o pai! Você é outro arrota-grandezas! Quer que toda gente nos suponha ricos, e sabe Deus o que por cá vai. Se não fosse isso, os nossos velhos anos seriam muito mais tranquilos... muito mais felizes... (*Erguendo-se*) Henriqueta aí vem.

LUDGERO

Vamos — como direi? — apurar as responsabilidades.

*(Isabel vai ao encontro de Henriqueta, a quem abraça e beija)*

## CENA VI

*Ludgero, Isabel, Henriqueta.*

ISABEL

Como tens os olhos vermelhos, minha filha!

LUDGERO

Estavas a chorar?

HENRIQUETA (*escondendo o rosto no ombro da amiga*)

Sou uma desgraçada!

ISABEL

Não digas isso! Desgraçado só é quem perdeu a graça de Deus!

LUDGERO

Mas tu estavas pronta para sair. Aonde ias?

HENRIQUETA

A tua casa.

LUDGERO

Vem cá, senta-te aqui, ao lado de teu pai e de tua mãe, e conversaremos. (*Sentam-se. Longa pausa*) Então como foi isso?

HENRIQUETA

Isso o quê?

LUDGERO

O cobre... — como direi? — fogo viste linguíça?

HENRIQUETA

Que queres tu? Não nasci para ser rica; devo resignar-me à miséria.

ISABEL

A miséria, não, minha filha; não fale assim, que Deus pode castigarte. Teu marido ganha muito dinheiro. É um advogado feliz.

HENRIQUETA

Ele é feliz; eu não o sou.

ISABEL

Porque não quiseste sê-lo, porque não te conformaste com a tua situação. O resultado não podia deixar de ser este.

HENRIQUETA

Não creio, não posso crer que os meus trapos e as minhas teteias custassem mais que a importância do meu dote.

LUDGERO

Não sei; só sei que vocês gastaram em ano e meio de casados mais de duzentos contos de réis. Estão — como direi? — arruinados.

HENRIQUETA

É impossível que gastássemos tanto dinheiro!

LUDGERO

As contas estão ali dentro do meu chapéu... vou examiná-las em casa.

HENRIQUETA

Admira-me que tu, com a tua idade, e sendo um homem formado, acredites em contas.

*(Ângelo aparece à porta e ouve sem ser visto)*

## CENA VII

*Os mesmos, Ângelo.*

LUDGERO

Queres tu dizer que aquelas são — como direi? — fantásticas?

ISABEL

Que ideia!

HENRIQUETA

Não tenho provas que me autorizem a duvidar da probidade de meu marido, mas — francamente — não acredito que em tão pouco tempo gastássemos conosco, só conosco, duzentos contos!

LUDGERO

Duzentos... e mais alguns *poses*!

HENRIQUETA

Duzentos contos em quê, não me dirão? A despesa mais considerável que fizemos foi a compra e os preparos desta casa. O mais pouco foi. Não demos bailes, não fomos à Europa, e o luxo, isto que se chama luxo, o verdadeiro luxo, jamais o conheci. Duzentos contos! qual é a família que no Rio de Janeiro gasta tanto dinheiro em tão pouco tempo?

ISABEL

Mas vem cá, minha filha, que necessidade tinha teu marido de forjar dívidas fantásticas? Ele não é nenhum negociante falido.

LUDGERO

Sim, o grande caso é que o dinheiro desapareceu, diz ele, e eu acredito.

HENRIQUETA

Também eu, mas o interesse de meu marido é atribuir a nossa ruína ao que ele chama as minhas loucuras, e ocultar as suas.

LUDGERO

As suas? Pois teu marido praticou loucuras?

HENRIQUETA

É uma coisa que está a entrar pelos olhos!

LUDGERO

Ele joga?

HENRIQUETA

Não é de jogo que se trata, mas de mulheres.

ISABEL

Tira daí o pensamento, minha filha! És injusta para com teu marido e para contigo mesma.

LUDGERO (*abalado*)

Deixe-a falar, minha mulher!

HENRIQUETA

Mamãe disse-me sempre que meus ciúmes eram infundados, mas eu bem percebia que Ângelo me enganava.

LUDGERO

Ele tinha uma amante?

HENRIQUETA

Uma ou mais de uma! Sei lá!...

LUDGERO

Mas quem é ela?

HENRIQUETA

Como queres tu que eu saiba? Ele nunca mo disse! Mas há coisas que uma esposa, e principalmente uma esposa que ama, como eu o amava, adivinha sem precisar ver nem ouvir nada!

ISABEL

Isso é doença!

HENRIQUETA

Logo depois de casada, comecei a desconfiar das suas longas ausências... das horas e horas passadas à noite fora de casa, em misteriosos lugares, de onde voltava fatigado e sonolento. Para tudo arranjava desculpa. Era uma sessão no Instituto dos Advogados... era uma conferência com tal ministro... era uma visita ao juiz que

estudava uns autos... era isto, era aquilo, mas o que era sei eu! Esse homem abusou cruelmente da minha ingenuidade, e agora quer fazer de mim a única responsável pela situação em que nos achamos!

LUDGERO

Que diz você a isto, minha mulher?

ISABEL

Digo que nossa filha está doida. Se ele voltava para casa fatigado e sonolento, era por ter trabalhado muito. Ângelo é um trabalhador.

LUDGERO

Pois olhe, eu dou razão a Henriqueta. Ela expôs a situação com muito critério, e com uma lucidez — como direi? — esmagadora!

ISABEL

Cale-se, homem de Deus! O que você está fazendo é horrível! Não foi para isso que viemos a esta casa! Pois em vez de tirar estas fantasias mórbidas do cérebro de sua filha, você concorda em que julgue tão mal o marido? Raciocinemos um pouco. Ângelo gostava muito de Henriqueta. Sem isso não se teria casado. Não o fez certamente atraído pelo grande dote de cinquenta contos, pois não lhe faltavam noivas mais ricas, se ele as quisesse. Não foi o teu dote, minha filha, mas os teus dotes que o seduziram. Como se pode acreditar que um homem logo depois de casado nessas condições, comece a enganar a mulher? Isso não entra na cabeça de ninguém! E demais, se Ângelo foi tão econômico em solteiro, não é crível que só depois de casado desse em perdulário.

LUDGERO

Ora, minha mulher, você não conhece os homens.

ISABEL

Nem você as mulheres, que são mais enigmáticas.

LUDGERO

Já lhe disse que o meu desejo era apurar as responsabilidades. Que razão tem você para meter a mão no fogo pelo nosso genro? Pois saiba que em solteiro foi um terrível, um conquistador, e depois de casado... não sei, mas não se livra da fama de ter tido um — como direi? — um idílio com a Dobson, e os idílios com a Dobson não custam menos de trinta contos.

ISABEL

Isso é uma calúnia miserável! Se teu marido te enganasse, minha filha, não seria com a Dobson, uma desgraçada mãe de família que é de quem a queira e possa gastar algumas centenas de mil réis. Isso de trinta contos é uma história. A Dobson é muito mais módica.

LUDGERO

Pois se não foi a Dobson, foi outra, ou foram outras, mas não há dúvida que andaram nisto mulheres.

HENRIQUETA

Ainda bem que papai me dá razão. Ele sabe da vida mais que tu, mamãe, que és boa e julgas a todos por ti. Se eu já não estivesse convencida das infidelidades de Ângelo, bastariam as palavras de papai para me abrir os olhos.

ISABEL

Pois pode papai limpar a mão à parede: fê-la bonita!

HENRIQUETA

Mas não! não era preciso outro aviso senão do meu próprio amor. Mulher nenhuma poderia ocupar em segredo o meu lugar no coração daquele homem.

LUDGERO

Querer arrancar do espírito de Henriqueta a convicção em que ela está, convicção que é também minha, é supô-la — como direi? — uma estúpida! (*Erguendo-se*) Nossa filha está sob o peso de uma acusação tremenda, a de ter arruinado um homem como uma reles cocote! É preciso que se saiba que esse homem... (*Voltando*



*naturalmente o rosto, vê Ângelo e fica embaraçado) Ah! estava aí?...*

*(Isabel e Henriqueta levantam-se)*

ÂNGELO

Ouvi tudo sem querer. Vejo que meu processo está feito e a minha sentença lavrada. Não lhe ponho embargos. Curvo a cabeça. Dom Juan desce aos infernos!

ISABEL

Desculpe-os, Ângelo!... Minha filha está fora de si... meu marido endoideceu!... O senhor está muito acima de tais insinuações!...

ÂNGELO

Peço à minha advogada que não continue a defender um réu confesso. Tudo quanto aqui se deu é a pura verdade. Tenho tido muitas amantes depois de casado... não a Dobson, que só conheço de vista, mas outras muitas, muitíssimas. Para pagar os beijos dessas mulheres, esbanjei o melhor do meu patrimônio, inventei despesas fantásticas. Sou um vicioso, e o vício é caro, muito caro, custa contos e contos de réis. O amor é baratinho, mas não bastava aos meus instintos de sátiro. Ainda agora o senhor dizia que é o único marido fiel do Rio de Janeiro, e eu sabia que meu sogro era, realmente, uma *avis rara*, o homem virtuoso e puro por excelência; quis imitá-lo mas a minha educação, o meu caráter, o meu temperamento, os meus hábitos, a minha debilidade moral não permitiram que na mesma família figurassem dois fenômenos iguais. *(Pausa. Ninguém responde. Henriqueta parece uma estátua)* Agora, só nos resta tratar do divórcio, *(Henriqueta estremece)* e quanto antes, para que na sua família não permaneça por mais tempo um celerado da minha espécie.

ISABEL

Fala em divórcio! Meu Deus! Enlouqueceram todos!...

LUDGERO *(a Ângelo)*

Em vez de prostrar-se, humilhado aos pés de sua esposa, pedindo-

lhe perdão de a ter acusado de faltas cuja responsabilidade moral deveria ser — como direi? — recíproca, o senhor procura, com um pouco de ironia fácil, destruir o mau conceito em que poderá ser tido como cabeça do casal: mas nem minha filha nem eu nos deixamos levar por esse artifício, e, uma vez que o senhor falou em divórcio, fique sabendo que Henriqueta não quer outra coisa!

ISABEL

Ludgero, veja o que estás dizendo!...

ÂNGELO (*aproximando-se de Henriqueta*)

Isso é verdade?... Quer separar-se de mim? (*Henriqueta não tem um gesto*) Responda!

HENRIQUETA (*sem olhar para ele*)

Assim é preciso.

ÂNGELO

Por quê?

HENRIQUETA (*idem*)

Porque estamos incompatibilizados um com o outro. Daqui por diante a nossa vida seria um inferno.

ÂNGELO

Diga antes que não lhe sorri a ideia de viver modestamente, e receia o motejo da sociedade que assistir satisfeita ao leilão das nossas carruagens e tripudiar sobre os destroços do nosso luxo ridículo! É ainda a sua vaidade que fala... O amor, esse desapareceu com o último níquel!

(*Henriqueta estremece*)

LUDGERO

O senhor insulta a minha filha!...

ÂNGELO

Sua filha... Sim, é bem sua filha, mas é minha mulher, e os meus direitos sobre ela são tão sagrados, que o senhor não poderia intervir neste conflito doméstico, se não fosse a minha indesculpável patetice de supor que, não o seu critério de homem, mas o seu amor de pai, poderia influir para uma conciliação que era todo o meu desejo.

HENRIQUETA

Não minta! Todo seu desejo era ver-se livre de mim!

ISABEL

Henriqueta, cala-te.

HENRIQUETA

Não! não me calo! Não quero continuar a ser uma vítima resignada e tola!... Uma conciliação!... Tem graça!... Pois não é que ele supõe que ainda o amo... que ainda o posso amar?... *(Rindo-se)* Ah! Ah! Ah! Como se fosse possível amá-lo depois do que ele me fez... e depois do que lhe acabo de ouvir! Não, não, mamãe! eu já o não amo!... Eu... odeio! *(Ri mas o riso transforma-se em pranto e ela cai nos braços de Isabel, desfeita em lágrimas)*

LUDGERO

Aqui tem sua obra!... O senhor é capaz de matá-la!... Oh! mas, se assim for, saberei — como direi? — vingá-la!... Vamos, Henriqueta! Vem para casa de teu pai!...

*(Rodrigo aparece à porta do fundo e ouve sem ser visto)*

## CENA VIII

*Os mesmos, Rodrigo.*

ÂNGELO

Isso!... Leve-a, leve-a consigo, e que eu nunca mais lhe ponha a vista em cima! Mandar-lhe-ei hoje mesmo as joias, as toaletes, e o dote, esse desgraçado dote, que foi a causa de toda a nossa desgraça!

LUDGERO (*rindo*)

Acredito que o senhor lhe mande as joias e as toaletes; mas o dote...

RODRIGO (*aproximando-se de Ludgero e estendendo-lhe um maço de notas do Banco*)

O dote pode o senhor levá-lo já. Cá está ele em cem notas de quinhentos mil réis cada uma. E bom conferir. (*Ludgero, atônito, recebe maquinalmente o maço de notas. A Ângelo*) Eu já contava com isso... O dinheiro estava de prontidão.

LUDGERO (*perplexo*)

Mas...

RODRIGO

O senhor está perplexo; entretanto, não há nada mais — como direi? — mais natural. Seria desairoso para o meu amigo que dona Henriqueta saísse desta casa sem levar o seu dote.

LUDGERO

Quer um recibo?

RODRIGO (*rindo*)

Mandá-lo-á quando receber o resto.

ISABEL

Ludgero, não tem feito senão asneiras! Restitua esse dinheiro!

LUDGERO

Minha mulher, você não se meta onde não é chamada! Vamos embora!...

ISABEL

Não! Isto não pode ficar assim!

LUDGERO

Ande para a frente com sua filha! Vamos!

*(Vai buscar o chapéu e põe as contas debaixo do braço. Henriqueta e Isabel encaminham-se para a porta. Ao sair, Henriqueta volta-se para Ângelo. O pai empurra-a para a porta. Ângelo dá um passo para ela; Rodrigo toma-o pelo braço, impedindo-o de prosseguir. Saem Ludgero, Isabel e Henriqueta)*

## CENA IX

*Rodrigo, Ângelo.*

*(Rodrigo vai até a porta verificar se naturalmente eles se foram. Ângelo cai abatido numa cadeira, escondendo o rosto nas mãos)*

RODRIGO *(voltando, alegre)*

Ora muito bem! Já se respira nesta casa!... Agora é tratar de liquidar tudo isto, pôr a vida em ordem e começar de novo!... *(Vendo Ângelo abatido)* Então, que é isso? Coragem! Levanta-te! Vamos fazer um inventário das toaletes e das joias e mandar-lhes tudo! Amanhã mesmo trataremos do leilão. Tu irás morar comigo em Santa Teresa. Lá está ainda o teu quarto. *(Ângelo começa a chorar convulsivamente)* Ângelo! meu irmão! que quer isto dizer?...

ÂNGELO

Isto quer dizer que a amo... que a amo mais do que nunca!

## ATO III

*Terraço em casa de Rodrigo, em Santa Teresa, com uma balaustrada ao fundo, e o panorama da cidade. Porta à direita. Trepadeira à esquerda. Cadeiras de jardim. E ao cair da tarde. Ainda é dia claro, mas durante o ato anoitece pouco a pouco, e a cidade ilumina-se.*

## CENA I

*Ângelo, Pai João.*

*(Ao levantar o pano, Ângelo, estirado numa preguiceira ao fundo, junto da*

*balaustrada. Pai João de pé junto dele, contempla-o com carinho)*

PAI JOÃO

*Nôte z'tá flesca. Se siô moço doutló pudesse dlomi um bocadinho, ela bem bom.*

ÂNGELO

Dormir... quem me dera!...

PAI JOÃO

*Cando sió moço doudô ela cliança, Pai Zoão cantava, e siô moço doutlô dlomia logo.*

ÂNGELO

Ainda te lembras das cantigas com que me adormecias?

PAI JOÃO

*Non sabe... Naquele tempo Pai Zoão podia cantá... inda ela zente... depose ficou ton velo... ton velo... que non tem mase voze... Mas se sió moço doutlô tivesse filinho, Pai Zoão reclodava toda zi cantiga... pala adlomecê filinho de siô moço doutló...*

ÂNGELO

Experimenta, Pai João... vê se te recordas... Faze de conta que ainda sou pequenino... Parece-me que, se cantasses, eu adormeceria, como outrora.

PAI JOÃO

*Déssa vlê. (Recordando-se) Um... um... um... Tá bom, Pai Zoão vai cantá cantiga de pleto-mina.*

ÂNGELO

Canta.

PAI JOÃO (*cantando*)

*Pleto — mina quando zeme  
No zemido ninguém clê*

Os *palente* vai dizendo  
Que não tem do que *zemê*.

*Pleto*-mina quando *çola*  
Ninguém sabe *ploque é*.  
Os *palente* vai dizendo  
Que *cicote é* que ele *qué*

*Pleto* — mina quando *mole*  
E começa *aplodecê*,  
Os *palente* vai dizendo  
Que *ulubú* tem que *comê*.

## CENA II

*Os mesmos, Rodrigo.*

RODRIGO (*entrando*)  
Canta-se, Pai João?

PAI JOÃO (*vivamente, impondo-lhe silêncio*)  
*Psii!... Tá dlumindo... Passou essa z'nóte turo em clalo... pegou no sono agolinha memo... Zá viu? Cantiga de cativêlo sempre leve p'laguma cósa. Péla aí. (Sai)*

RODRIGO  
Pobre Ângelo! (*Pai João volta com uma colcha, com que cobre carinhosamente as pernas de Ângelo*) Com que então, a sua música faz dormir, hein, Pai João? Não é um elogio para ela... É verdade que o mesmo acontece a muitas composições de autores célebres.

PAI JOÃO (*descendo*)  
*Siô moço doutló tá passonado pela siá Henlicleta... non pode vivlê sem ela!...*

RODRIGO  
Qual não pode! Isso passa!

PAI JOÃO

*Non passa, non. Felida de mulé não sala.*

RODRIGO

As únicas feridas que não saram são as da honra. Ele vivia num inferno... não digo que viva agora num céu aberto, mas está melhor assim.

PAI JOÃO

*Vivia, mas agola non vive mase, que isto non é vida. E dêssa lá, sió doutló Lodligo, siá Henlicleta é munto boa... se non tem zuízo, culpa non é dela, mase de pai dela, que non z'educou ela delêto.*

RODRIGO

Pois sim. Mas uma senhora sem juízo não pode fazer feliz um homem de bom-senso. O divórcio amigável foi requerido há trinta dias. Divórcio amigável... aí estão duas palavras que nunca esperei ver juntas. O pretor recebeu o requerimento, e deu às partes vinte dias para refletirem.

PAI JOÃO

*Tenho pena que non se alanze turo sem sepalá pala simple duase cleatula que parecia memo fetinha pala se quelê bem.*

RODRIGO

Deixe-se vossemecê de pieguices. O seu senhor moço doutor já não deve nada a ninguém... Com o produto da casa e dos móveis, vendidos particularmente a um ricaço providencial que os namorava, pagou os cinquenta contos que entreguei ao sogro, e mais trinta e tantos que devia. Ficou com as mãos a abanar, é verdade, mas tem a sua profissão, que é rendosa. Pode muito bem viver sem mulher que o mortifique. Sofre de insônias? anda macambúzio? não se alimenta? Tudo isso passa, Pai João. Vá vossemecê com o que lhe digo!

PAI JOÃO



*Non passa, non, sió doutlô Lodligo há de vlê. (Toque de campainha) Quem selá? (Sai. Rodrigo aproxima-se de Ângelo e contempla-o. Pai João volta) É uma senhora cobleta com véu... Pleguntou plo siô moço doutlô... eu disse que ele tava dloindo e eu non aclodava ele... então pleguntou plo... Olá! Ela tá aí!*

*(Entra Isabel, coberta com uma mantilha)*

### CENA III

*Ângelo, dormindo, Pai João, Rodrigo, Isabel.*

RODRIGO *(indo ao encontro de Isabel, sem a reconhecer)*

O doutor Ângelo está dormindo, minha senhora. Como tem passado noites e dias em claro, e aquele sono é um benefício, não convém despertá-lo, seja sob que pretexto for. Quem é a senhora?... que deseja?... *(Isabel descobre-se)* Oh! Vossa excelência aqui!

ISABEL

Sim, sou eu.

RODRIGO *(oferecendo-lhe uma cadeira em que ela se senta)*

Mas como?...

ISABEL *(adivinhandando a pergunta e atalhando-a)*

Estamos aqui perto, no hotel da Vista Alegre, minha filha, meu marido e eu. Soube hoje, por acaso, que meu genro... Ainda posso chamar-lhe meu genro?

RODRIGO

Sem dúvida.

ISABEL

Soube que ele estava aqui. Vim vê-lo. Preciso falar-lhe.

RODRIGO

A que respeito, minha senhora? Perdoe a minha indiscrição, mas...

sabe que sou o maior amigo de Ângelo.

ISABEL

Se é o seu maior amigo, ajude-me a salvar minha filha.

RODRIGO

Como assim, minha senhora?

ISABEL

Arrependida de tudo quanto praticou, Henriqueta não pode suportar a separação que aceitou com tanta leviandade. Parece-me gravemente enferma. O médico aconselhou-nos que a trouxéssemos para Santa Teresa, onde estamos desde ontem. Mas não é de mudança de ares que ela precisa, senão do marido de quem se separou sem motivo.

RODRIGO

Sem motivo não, minha senhora. Desde que num casal os gênios não se liguem, as vontades não se combinem, as opiniões diverjam, a mulher veja e sinta as coisas de um modo, e o marido de outro, motivo há, e mais que suficiente, para uma separação.

ISABEL

Não me diga isso! Eu tenho vivido em paz com meu marido durante vinte e três anos, e jamais concordei com ele. O que fiz, para chegar a esse resultado, foi submeter-me, embora muitas vezes protestando, a tudo quanto ele dizia e fazia. Ainda nesta questão, em que minha filha foi estupidamente sacrificada por seu próprio pai, ele açulava o escândalo, ao passo que eu daria a vida para evitá-lo.

RODRIGO

Daria a vida para evitá-lo, mas conformou-se, obedeceu, submeteu-se. E o mesmo que sucederia a dona Henriqueta, se voltasse para a companhia de Ângelo. Ou se submetia ou, de novo, se separava. Em ambos os casos é melhor que as coisas fiquem no pé em que se acham. Foi uma solução, e, depois de uma solução, nada mais há

que fazer.

ISABEL

Que interesse tem o doutor em que esse casal esteja separado?

RODRIGO

O mesmo interesse que teria em vê-lo cada vez mais unido se fosse um casal feliz. É o interesse do amigo... do amigo íntimo.

ISABEL

Mas o amigo íntimo não é para isso que serve.

RODRIGO

Bem sei que muitas vezes só serve para ser o amante da mulher do outro; mas eu não pertenço, felizmente, a semelhante espécie de amigos íntimos. A amizade para mim é um fetichismo.

ISABEL

Dir-se-ia que o doutor tem ciúmes do seu amigo...

RODRIGO

Ciúmes? Quem sabe? Conheço-o desde pequeno. É um rapaz talentoso, bem preparado, de muito futuro, que eu não quisera ver perdido.

ISABEL

Perdido por quê?

RODRIGO

Pois imagina vossa excelência que um homem possa trabalhar e prosperar vivendo em luta aberta com seu orçamento, sacrificado a essa funesta mania de aparentar recursos que não existem, obrigado a pregar calotes, a viver do dinheiro alheio? Ângelo e Henriqueta só poderiam ser felizes se tivessem um bebê, mas foram tantos os bailes, as recepções, os espetáculos, etc... que pelos modos não tiveram tempo de tratar disso.

ISABEL (*enxugando os olhos*)

Minha pobre filha!

RODRIGO

Mas que tem ela?... qual é a sua enfermidade?...

ISABEL

Não sei. O médico não nos quer assustar, mas o meu coração de mãe adivinha que ela está muito doente. Tem constantes delíquios... perde os sentidos... delira, pronunciando sempre o nome do marido...

RODRIGO (*como se falasse consigo*)

Delíquios... Quem sabe?... Oh! se assim fosse... (*Erguendo-se como quem toma uma resolução súbita*) Vossa excelência permite que eu vá examiná-la? Também eu sou médico, embora o não pareça.

ISABEL

Pois não.

RODRIGO

Então vamos.

ISABEL

E... e ele? (*Aponta para Ângelo*)

RODRIGO

Deixemo-lo entregue àquele sono reparador.

ISABEL

Não é o senhor o médico que eu vinha buscar.

RODRIGO

O outro não atende a chamados neste momento. Mas diga-me: por que foi vossa excelência que veio a esta casa, e não seu marido, a quem competia melhor semelhante diligência?

ISABEL

Não me fale em meu marido! Está incapaz de tomar uma resolução! Já era um pobre de espírito... Depois daquele dia fatal, em que com tanta inconsciência recebeu os cinquenta contos das suas mãos, perdeu a cabeça!

RODRIGO

Não vale a pena pôr um anúncio... não se perdeu grande coisa.

ISABE

O exame das contas demonstrou claramente que Ângelo não dissera senão a verdade... A maior parte do dinheiro foi empregado no que ele chamava os alfinetes da filha... E qual não foi a nossa surpresa e a nossa vergonha, encontrando entre aqueles documentos uma apólice de seguro de vida, feito por ele em favor de Henriqueta! Um seguro de cinquenta contos!

RODRIGO

Justamente a importância do dote...

ISABEL

Ainda agora, quando soubemos que Ângelo estava aqui, a dois passos do hotel, pedi a meu marido que viesse... Ele hesitou... e então eu, desesperada, pus esta mantilha e saí, convencida de que vinha buscar a vida de minha filha.

RODRIGO

Em vez de lhe levar o marido, vossa excelência leva-lhe um médico. No estado em que se acha, é talvez mais prático. Amanhã conversaremos. Por enquanto, é preciso saber ao certo o que ela tem. Vamos!

ISABEL (*com um suspiro*)

Vamos!

RODRIGO (*ao Pai João*)

Eu volto já.

(Saem Rodrigo e Isabel)

#### CENA IV

*Ângelo, Pai João.*

ÂNGELO (*despertando*)

Pai João, a tua cantiga fez-me dormir... como outrora.

PAI JOÃO

Mas se siô moço dou tló dlomiu pouco. Pai Zoão canta otla veze...

ÂNGELO

Não! não é preciso! Vou para o meu quarto. (*Vai erguendo-se, e repara na colcha que lhe envolve as pernas*) Quem me cobriu com esta colcha? Tu?

PAI JOÃO

Quem *havela* de sê?

ÂNGELO (*de pé*)

Como és bom! Que santa velhice a tua! Que alma branca, tão alva como os teus cabelos, se esconde na negridão do teu corpo! Ficou em ti, sinto-o no coração, alguma coisa de minha mãe, que viste nascer e morrer. (*Outro tom*) Não achas que estou poeta, Pai João?

PAI JOÃO

*Asso, si, sió.* Foi ploquê sió moço doutlô dlorniu... É tão bom dlomí!

ÂNGELO

Não; é porque a noite está belíssirna... Como é bonita e como é grande a minha terra! (*Aproximando-se da balaustrada*) Vê, Pai João! a cidade lá embaixo parece dormir tranquila entre estas montanhas... e, no entanto, quanta luta, quanta paixão, quanto sofrimento por baixo daqueles telhados mudos!

PAI JOÃO

Há de *turo*, *siô* moço *doutlô*... *Unse çola, otlo z'li*... *Unse bliga, otlo z'quele* bem... Há de *turo*.

ÂNGELO

Uns brigam, outros se querem bem... É verdade, Pai João... mas os que se querem bem acabarão brigando, e os que brigam brigarão sempre.

PAI JOÃO

*Semple non*, *siô* moço *doutló*. Nosso *Senhô tá* lá no céu *viziando*, e quando ele *quê*, *bliga turo* acaba!

ÂNGELO

Tu és otimista.

PAI JOÃO

Pai *Zoão é* *quê*, *sió* moço *doutló*?

ÂNGELO

Otimista! Vês tudo pelo melhor. (*Descendo*) Rodrigo está em casa?

PAI JOÃO

*Non, siô*; saiu.

ÂNGELO

Saiu? Admira! Nunca sai à noite.

PAI JOÃO

Saiu com... Pai *Zoão non* sabe se deve *dizê*.

ÂNGELO

Com quem?

PAI JOÃO

Com *siá* Dona *Isabé*.

ÂNGELO

Com minha sogra?

PAI JOÃO

*Si, siô.*

ÂNGELO

Sonhaste?

PAI JOÃO

*Non sonou, non, siô moço doutô. Siá Dona Isabé z'teve aqui.*

ÂNGELO

Aqui!

PAI JOÃO

*Teve, si, siô... vinha falá com siô moço doutlô...mas siô doutlô Lodligo non quíse clodá siô moço doutló.*

ÂNGELO

Que veio ela cá fazer?

PAI JOÃO

*Non sê. Ele'zi falam bassinho pala siô moço doutlô non clodá... e Pai Zoão que z'tava ao pé de siô moço doutló non ouviu nada. Palecia que ela disse que siá Henlicleta z'tava doente, e anton siô moço doutlô foi vlê siá Henlicleta.*

ÂNGELO

Doente? Ela está doente! Doente de quê?

PAI JOÃO

*Pai Zoão non sabe, mase desconfia que é da mêma doença de siô moço doutló.*

ÂNGELO

Meu Deus! Como poderei saber!



PAI JOÃO

*Non fica flito; siô doutlô Lodligo quando saiu z'disse que vlotava zá.*

ÂNGELO

Já? Mas como poderá voltar já, se ela mora tão longe? (*Caindo numa cadeira*) Doente! doente!...

PAI JOÃO

*Sossega, siô moço doutlô, sossega... Dêça siô doutlô Lodligo vlotá*

ÂNGELO

Doente!... E eu longe dela!... Separado dela!... (*Erguendo-se*) Não! decididamente não resisto!... É um suplício terrível!... é uma provação muito superior às minhas forças! Não posso viver sem ela!... É minha mulher, pertence-me... Rodrigo que vá para o diabo com suas ideias de independência e liberdade! Quero ser desgraçado... trabalhar noite e dia sem descanso para sustentar o seu luxo... endividar-me... pregar calotes... sofrer penhoras e vergonhas, mas quero viver com ela!... É preciso que Rodrigo, ao voltar, encontre aqui, formidável, impetuosa, esta revolta do meu amor! Não quero que ele continue a dominar-me! Não sou nenhuma criança! Ela doente, doente e não posso voar para o seu lado! (*Senta-se a soluçar*)

PAI JOÃO

Sossega... sossega...

ÂNGELO

Cala-te, Pai João, tu não sabes o que é isto! Amaste muito, mas nunca amaste uma mulher que te arrancassem dos braços.

PAI JOÃO

Pai Zoão teve sua *placela*... e quise munto bem a ela. *Siá Henlicleta tá aí, tá viva...* a *placela* de Pai Zoão moleu... moleu na senzala... no *blaço* de Pai Zoão... Pai Zoão *çolou munto...* mase non *pledeu zuízo...* Sossega, siô moço *doutlô*, sossega!

ÂNGELO

Como queres tu que eu sossegue? Se ela tivesse morrido, como a tua parceira, eu consolar-me-ia, talvez, com mais facilidade do que sabendo-a viva e separada de mim, sem que para isso houvesse um motivo de honra! (*Chorando*). Oh! Henriqueta! Henriqueta!

## CENA V

*Os mesmos, Rodrigo.*

RODRIGO

Ângelo! Ângelo!

ÂNGELO

Ah! és tu? Onde foste? Viste-a? Falaste-lhe? Como está ela? Dize-me, dize-me tudo!

RODRIGO

Venho trazer-te uma bela notícia: tua mulher vem aí!

ÂNGELO

Ah!

RODRIGO

Eu vim na frente para preparar-te. É o que estou fazendo! Pronto! Estás preparado! (*Ângelo, sem responder, sorri e abraça-o*) Vais cair das nuvens: fui o primeiro a promover esta reconciliação. As coisas mudaram inteiramente de face...

ÂNGELO

Mas Henriqueta onde estava?

RODRIGO

Ali no Vista Alegre... com os pais... Dona Isabel veio cá disse-me que ela estava doente... fui vê-la.

ÂNGELO

E então? o seu estado é grave?

RODRIGO

Grave, não: interessante.

ÂNGELO

Interess?...(*Compreendendo*) Deveras? Ela está?

RODRIGO

Está, sim! Não vês a minha alegria? Agora, que vocês vão ter um filho, conto que serão felizes!

PAI JOÃO

Um *filo*... Pai *Zoão* vai *vlê nascê mase* um!

ÂNGELO

Mas onde está ela? (*Dá um passo para sair*)

RODRIGO (*embargando-lhe a passagem*)

Não é preciso. Os pais vêm trazê-la. Olha! eles aí estão! (*Falando para dentro*) Façam favor! Venham cá para o terraço.

(*Entram Isabel e Ludgero, este ressabiado*)

## CENA VI

*Ângelo, Pai João, Rodrigo, Ludgero, Isabel.*

LUDGERO

Meu genro, minha mulher e eu viemos — como direi? — restituir Henriqueta ao seu marido. Pedimos-lhe que a aceite. Fui muito injusto com o senhor, mas espero que me perdoe, lançando sobre o que se passou o véu do esquecimento. Aqui tem minha mão.

ÂNGELO

Aperto-lha de bom grado.

ISABEL

Ângelo! (*Estende-lhe a mão*)

ÂNGELO

Minha boa advogada! (*Beija-lhe a mão*)

LUDGERO

As contas que o senhor me deu a examinar, são uma prova — como direi? — concludente da sua lealdade.

ÂNGELO

Espero que, de hoje em diante, meu sogro me tenha em melhor conta, e acredite que no Rio de Janeiro não é ele o único marido fiel à sua esposa.

LUDGERO

Somos nós dois. Duvido que haja mais algum.

ISABEL

Restituir-lhe-emos amanhã o dote de Henriqueta.

RODRIGO

Isso não! Ângelo só continuará a ser seu marido sob condição de ela não trazer o dote.

ÂNGELO

Naturalmente.

ISABEL

Mas nós não podemos consentir...

LUDGERO

Aí vem você, minha mulher! Ele não quer! Deixá-lo!

RODRIGO

O dote dá-lo-ei ao meu afilhadinho, daqui a cinco meses, no dia em

que ele nascer.

PAI JOÃO

*Pai Zoão vai reclodá todase sua z'cantiga!*

ÂNGELO

Mas... Henriqueta? É Henriqueta que eu quero!

ISABEL

Agora podemos chamá-la.

RODRIGO

Não! Retiremo-nos todos... e mandemo-la cá para o terraço. Não perturbemos com a nossa presença a renovação de um noivado... Vejam!... o luar, o formoso luar de Santa Teresa parece que esperava a deixa! — Vamos! (*Saem Ludgero e Isabel*) Vossemecê também, Pai João!

*(Sai Pai João. Rodrigo sai por último. Ângelo fica ansioso, ao fundo, com os olhos fitos na porta. Henriqueta aparece no limiar da porta, envolvida num chale. Procura Ângelo com os olhos, e, vendo-o, corre para ele, e lança-se-lhe nos braços. Cai-lhe o chale, deixando ver o seu vestido branco. Ficam ambos muito tempo abraçados)*

## CENA VII

*Ângelo e Henriqueta.*

ÂNGELO

Nunca mais, Henriqueta!... Sim?...

HENRIQUETA

Nunca mais!

ÂNGELO

Amemo-nos... e seremos felizes...

HENRIQUETA

Sim, vou ser feliz... muito feliz...

ÂNGELO

Mesmo pobre?

HENRIQUETA

Não! Rica... riquíssima... porque tenho o teu amor... e hei de ter o amor do nosso filho.

*(Abraçam-se de novo, formando um grupo iluminado pelo luar)*

A VOZ DE PAI JOÃO *(ao longe)*

*Pleto-mina quando zeme, etc.*

*CAI O PANO, LENTAMENTE.*



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**